

OS PROCESSOS DE ESPORTIVIZAÇÃO DO REMO EM SÃO PAULO E MONTEVIDÉU: HISTÓRIAS COMPARADAS (1874-1907)

THE SPORTIZATION OF ROWING IN SÃO PAULO AND MONTEVIDEO – A COMPARATIVE HISTORY (1874-1907)

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros
Universidade Federal do Paraná
dmedeiros@cup.edu.uy

Marcelo Moraes e Silva
Universidad de la Republica Uruguay, UDELAR
marcelomoraes@ufpr.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir os processos de esportivização da prática do remo ocorridos nas cidades de São Paulo e Montevideú, a partir de uma perspectiva de história comparada. Além de apresentarem particularidades locais no desenvolvimento do remo, muito ligadas às questões geográficas, há um ponto de contato entre os clubes dessas cidades: a participação de clubes nos Jogos Olímpicos Sul-americanos de 1907, realizados no Uruguai. Essa análise permitiu perceber que, apesar de um desenvolvimento local permeado de particularidades, houve comunicações no estabelecimento do que significava a prática do remo competitivo, compartilhado no referido evento. Concluímos que os processos de esportivização não ocorreram de maneira idêntica em todas as partes, e que tampouco obedeceram a relações unilaterais centro-periferia, mas que, ao contrário, estabelecem relações transnacionais, especialmente no cenário sul-americano.

Palavras-chave: Remo; História Comparada dos Esportes; Esportivização.

Abstract: This article aims to discuss the processes of sportization of rowing in São Paulo and Montevideo cities from a comparative historical perspective. Besides presenting local particularities in the development of rowing, closely linked to geographical issues, there is a point of contact between the clubs of these cities: the participation of clubs in the 1907 South American Olympic Games held in Uruguay. This analysis allowed us to realize that, despite a local development permeated with particularities, there were communications in establishing what competitive rowing practice meant, shared in that event. We conclude that the processes of sportization did not occur in an identical manner everywhere, and neither did they follow unilateral center-periphery relationships, but that, on the contrary, they established transnational relationships, especially in the South American scenario.

Keywords: Rowing; Comparative History of Sport; Sportization.

Introdução

O campo dos estudos históricos sobre a educação física e os esportes está em constante desenvolvimento, quer seja por novas abordagens introduzidas na elaboração de investigações, ou por propostas de recontextualização de temas e interrogantes de pesquisa, trazendo à tona novos olhares e perspectivas (TERRET, 2019; MORAES E SILVA, MEDEIROS, QUITZAU, POLICARPE, 2020; BOOTH, ADAMS E PHILIPS, 2022). Nesse ínterim, Pope (2022) considera que o próprio estudo sobre a origem e a evolução do esporte moderno – acatado por muitos como um tema fundacional – é passível de novas interpretações.

Para essa tarefa, devemos considerar novas acepções para o que convencionalmente chamamos de processo de esportivização das práticas. Esse termo, difundido nos estudos de Elias (1985), serviu primeiro para definir o processo por meio do qual passatempos praticados por cavaleiros e aristocratas, na Inglaterra do século XVIII, passaram a adotar um código de regras mais definidas, que limitaram a violência e regularam a tensão entre os esforços físicos e o resultado dos jogos. Neste período, foi possível identificar as primeiras transformações de divertimentos mais ou menos espontâneos em práticas mais institucionalizadas e regulamentadas. Maguire (2015) afirma que esse procedimento envolveu uma mudança em direção a exercícios corporais competitivos, regularizados, racionalizados e marcados por cortes de gênero que, por sua vez, se ligaram a mudanças mais amplas no nível da personalidade, do comportamento corporal e da interação social.

Entretanto, Maguire (2015) amplia essa definição, apontando que este processo passou por diferentes fases. Primeiro, entre os séculos XVII e XVIII, com o estabelecimento de esportes ligados aos animais, como a caça à raposa e as corridas de cavalo (VIGARELLO, 2002; LOUDCHER, 2020). Segundo, no século XIX, práticas como futebol e rugby assumiram formas modernas, ligadas às suas aparições nas *public schools* inglesas. Uma terceira etapa ocorreu na passagem do século XIX para o século XX, com a difusão dos esportes por meio de fluxos globais, especialmente ocorridos nas colônias inglesas e, posteriormente, em outros países de diversas partes do mundo (TERRET, 2019). Para Taylor (2013), esse período foi

fundamental na internacionalização do esporte, através do fluxo de pessoas, regras do jogo e ideologias esportivas associadas. A quarta fase apontada por Maguire (2015) ocorreu em meados da década de 1920 até os anos 1960, quando os esportes passaram cada vez mais a refletir um ideal “americanizado”, difundindo-se, inclusive, para além da sociedade ocidental. Por fim, a partir dos anos 1960, uma quinta fase da esportivização surgiu com características bastante contraditórias: de um lado, a padronização das práticas em um cenário internacional, estimulada principalmente pelos Jogos Olímpicos; por outro lado, novas variedades de práticas corporais surgiram no cenário internacional, desafiando a hegemonia dos esportes até então considerados standard. Maguire (2015) conclui suas análises sobre os processos de esportivização apontando que existe uma diversidade de estruturas que acompanharam cada uma das fases, com alcance e disseminação variados, tanto em níveis temporais quanto geográficos. Há também uma assimetria nas relações predominantes no interior de cada sociedade, que refletem geometrias e hierarquias de poder previamente estabelecidas.

Essa discussão nos leva a considerar que, embora o esporte seja um fenômeno com uma gênese única e definições bem estabelecidas – que nos permitem agrupar conceitualmente o que pertence ou não ao universo esportivo – ele também tem variantes em sua composição. Ainda que o surgimento do esporte obedeça a um fenômeno demarcado no tempo e no espaço, a esportivização, segundo aponta Loudcher (2020) pode e deve ser considerada de forma ampla e multifacetada e menos autoexplicativa.

Para Krüger (2015), o esporte é um fator global, mas que só chegou a tais proporções baseado na cultura física local, regional ou nacional. Para o autor, não seria possível encontrar um significado para esse fenômeno que incluísse seu desenvolvimento em todos os continentes, pela própria definição de modernidade e civilização produzida de forma distinta em cada um desses lugares. Além disso, conforme aponta Taylor (2013), o esporte moderno não é uma prática que simplesmente evolui cronologicamente de local para nacional, internacional e global, mas, pelo contrário, dimensões e relações transnacionais existiram e subsidiaram as estruturas organizativas dessas práticas.

O presente artigo pretende discutir os processos de esportivização da prática do remo na América do Sul, na cidade de Montevidéu, no Uruguai, e em São Paulo, no Brasil. Tal escolha se deve às particularidades do desenvolvimento da prática em cada uma dessas localidades – especialmente no que concerne aos temas geográficos envolvidos – e, ao mesmo tempo, por um ponto de convergência entre os clubes de remo: a participação nos Jogos Olímpicos Sul-americanos de 1907, realizados em Montevidéu. O evento que proporcionou uma relação transnacional entre os clubes e as referidas as práticas esportivas, gerando impactos sua esportivização a partir de então.

O recorte temporal dessa análise começa no ano de 1874, data na qual o Montevideo Rowing Club foi fundado como o primeiro clube de remo na cidade de Montevidéu. Décadas depois, o Esperia Club foi o primeiro clube esportivo de remo fundado em São Paulo, em 1899. A análise segue até a primeira década do século XX, período de expansão das práticas e de progressiva institucionalização e burocratização das mesmas. Finalizamos a proposta analisando o evento realizado em 1907, momento em que houve um ponto de contato estabelecido entre os clubes de cada localidade, gerando novas perspectivas sobre os significados conferidos ao esporte até aquele momento.

Para além de considerar as relações que se estabelecem nesse evento, é de interesse desse artigo determinar as especificidades dessas práticas. Nesse contexto, elas dizem respeito às características locais de cada uma das cidades analisadas, especialmente em relação à questão geográfica. De acordo com Bale (2003), a trajetória à longo prazo dos lugares esportivos os leva a ser cada vez mais racionais, qualidade fomentada pelas leis esportivas que insistem que as áreas de jogo sejam sempre iguais e equiparadas. Ao longo da história, portanto, cada vez mais o esporte foi praticado em espaços artificiais, corroborando a crescente racionalidade e burocratização das práticas.

Com relação à prática do remo em São Paulo, o lugar prioritariamente utilizado nos primeiros anos de instalação dos clubes era o rio Tietê, que recebeu em suas margens grande parte dos clubes até as primeiras décadas do século XX (NICOLINI, 2001). Em Montevidéu, os primeiros clubes de remo se estabeleceram às margens do Rio da Plata, em contato direto com os clubes da costa argentina.

Em ambos casos, o espaço aquático disponível influenciou na capacidade de absorção de regras e procedimentos *standard* nas competições, tendo relação direta com os processos de esportivização.

Para analisar essas questões apresentamos, em um primeiro item do presente artigo, os processos locais de esportivização do remo na cidade de São Paulo, com ênfase na chegada dos clubes esportivos e nas primeiras competições realizadas, bem como nas primeiras tentativas de regulamentar a prática. Na sequência, são apresentados os dois primeiros clubes da capital uruguaia, o Montevideo Rowing Club e o Club Nacional de Regatas. Esses clubes estabeleceram grande rivalidade no remo montevidiano desde fins do século XIX. Além disso, constituíram um interessante ponto de contato com os clubes remeiros de Buenos Aires, o que dava um caráter internacional à prática. O terceiro item explora a competição de 1907 realizada em Montevideo, e as consequências para os clubes participantes, especialmente em relação aos temas ligados à regulamentação e burocratização. Por fim, tecemos algumas análises comparativas entre o desenvolvimento do remo nas duas cidades.

Para a análise das questões ora apontadas, optou-se por uma metodologia de história comparada, trazendo à tona as particularidades e semelhanças entre ambos cenários de desenvolvimento desse esporte em cada uma dessas cidades.

Metodologia

Diversos autores afirmam que a comparação é um elemento constantemente presente nas investigações históricas, pois trata-se de uma ferramenta metodológica importante, além de um artifício chave para a obtenção de evidências (PURDY, 2011; BOOTH, 2005). Entretanto, a comparação como método historiográfico tem uma definição mais precisa, envolvendo a discussão de dois ou mais fenômenos históricos de maneira sistemática, enfatizando suas similitudes e diferenças com o objetivo de chegar a determinados objetivos (KOCKA, 2003; PURDY, 2011).

Os pontos positivos do uso de uma metodologia comparada na história são diversos. Para Kocka (2003), a comparação ajuda a identificar questões e clarificar

situações singulares, tornando-se indispensável para explicações e críticas. Theml e Bustamante (2003) afirmam também que o conhecimento dos fenômenos sociais se amplia com o diálogo e a comparação das pesquisas, permitindo maior abrangência de objetos, teorias e metodologias de distintas áreas das ciências humanas. Entretanto, as maiores vantagens apresentadas em relação à essa metodologia de investigação são relativas às novas problemáticas e novos olhares destinados aos objetos de pesquisa. Para Theml e Bustamante (2003), a metodologia comparada rompe com heranças historiográficas pautadas em fronteiras políticas como definidoras das unidades estruturais de análise, e, dessa forma, permite a construção de modelos abstratos de inteligibilidade, não pautado em hierarquias e linearidade, mas sim em formas mutáveis que permitem conhecer outras representações e transformações sociais.

Uma das questões mais fortemente apontada como vantajosa em relação aos estudos comparados na história é a ideia de abrir a percepção do historiador para as influências múltiplas em relação a um determinado fenômeno, não necessariamente tomando a ideia de nação como enfoque central, proposta que, durante muito tempo, foi determinante na construção dos significados históricos, excluindo outras relações e identidades possíveis (GORELIK, 2004; BARROS, 2007). A comparação se estabelece, portanto, como uma maneira bastante específica de propor e pensar questionamentos, fazendo com que as semelhanças e diferenças, e mais do que isso, os processos de influência mútua, recíprocos ou assimétricos, estabeleçam um jogo dinâmico e vivo (KOCKA, 2003; BARROS, 2007).

Em relação à América Latina, a história comparada vem sendo constantemente utilizada para pensar novos marcos de referência, não tomando apenas as entidades nacionais como enfoque, mas buscando conjunturas comuns entre os países, estabelecidas por uma inteligibilidade distinta daquela historicamente constituída, que via no Estado-nação o espaço adequado de reflexão sobre os temas culturais e políticos (ORTIZ, 2003; GORELIK, 2004). Gorelik (2004) propõe que a história comparada pode construir, nesse contexto, um outro lugar de onde possam ser interrogadas questões de escala latino-americana, a partir da construção de objetos que não poderiam ser trazidos à luz a partir de uma historiografia nacional.

Essa concepção focaliza a ideia de uma construção de redes locais que possuem diferentes pontos de contato, os quais constroem uma trama própria de pensamento regional, diferente de perspectivas que estabelecem um pensamento que decorre sempre do centro à periferia. Nesse caso, as ideias se deslocam dentro de um marco internacional de funcionamento das culturas locais, colocando uma perspectiva sobre o desenvolvimento de uma história transcultural (GORELIK, 2004). Apesar de algumas ressalvas apontadas na literatura internacional, o método comparado e os estudos históricos transnacionais estabelecem interessantes diálogos no que diz respeito ao entendimento dos processos de contato cultural (KOCKA, 2003; GORELIK, 2004; PURDY, 2011)

Consideramos, portanto, adequada esta postura metodológica para pensarmos o caso das práticas esportivas no contexto latino-americano. Melo (2007) propõe a história comparada para conhecermos, nesse cenário, as relações políticas, históricas e culturais existentes nos esportes, que não sejam marcadas exclusivamente pela perspectiva geográfica pautada nas relações nacionais. A ideia não é, portanto, abandonar o que se refere às práticas e seu desenvolvimento a nível local, mas estabelecer essa transição entre o local e o global, permitindo conhecer o esporte de maneira mais ampliada, trazendo à tona tanto suas especificidades e singularidades quanto suas regularidades, propondo pontos de contato, conjuntura e tensão (MELO, 2007; 2010a; KING, 2009).

No caso latino-americano, conforme sublinha Melo (2017), urge conhecer de maneira mais sistemática como as relações e os estabelecimentos das práticas esportivas ocorreram, não só no plano nacional, mas também através de redes de contato, apoio e difusão. Bale (2003); Krüger (2015), Quitzau (2019), MORAES E SILVA, MEDEIROS, QUITZAU, POLICARPE (2020) e Brown (2021) afirmam que é impossível pensar o estabelecimento do esporte sem considerar as particularidades locais, tanto no que tange à prática quanto às simbologias determinadas. Dessa forma, nos perguntamos: como as práticas esportivas realizadas estabeleceram pontos de contato e compartilharam perspectivas comuns nesse âmbito? Além disso: como as características locais foram determinantes na incorporação particular das práticas esportivas em cada região?

Booth (2005) considera que a comparação ajuda os historiadores a

entenderem as características do esporte, suas diferentes funções e significados, a diversidade de fatores que o moldam e influenciam sua participação, além de os sentidos e usos atribuídos a essa prática, sem eleger uma estrutura à priori como modelo. Analisar as práticas esportivas implica colocar-se diante de uma das manifestações culturais mais importantes presentes na sociedade latino-americana; portanto, uma lógica de análise transnacional e comparativa pode fazer emergir concepções férteis e inovadoras sobre este objeto (MELO, 2007).

No caso do referido artigo, as relações entre a particularidade local e uma perspectiva transnacional enfatizam os processos de esportivização. Ao considerar as particularidades geográficas e culturais locais nesse processo, analisamos aquilo que Bale (2003) chama de barreira à difusão dos esportes, marcadas pelos localismos e suas repercussões na prática. Por outro lado, ao trazer à tona um ponto de contato entre os clubes de remo, por ocasião da realização dos Jogos Olímpicos Sul-americanos realizados em 1907¹ compreendemos que há um processo transnacional de difusão dos processos de esportivização, que não necessariamente provém da relação centro-periferia, mas sim das próprias trocas culturais estabelecidas entre os países.

Certamente, existem inúmeras advertências em relação ao uso da comparação como metodologia de pesquisa, como, por exemplo, evitar uma paisagem homogênea entre os elementos de comparação, apagando os elementos particulares sob o manto do global (GORELIK, 2004; BARROS, 2007; PURDY, 2011), além dos anacronismos ou etnocentrismos, provenientes de processos que porventura podem tornar-se hierarquizações das culturas analisadas (THEML, BUSTAMANTE, 2003). Mais especificamente sobre as práticas esportivas da América Latina, Melo (2007, 2017) adverte que as propostas que entrecruzam um olhar transnacional com a metodologia comparada não devem somente fazer uma justaposição de olhares específicos, mas, pelo contrário, buscar, de maneira sistemática, semelhanças e diferenças entre os processos.

Para levar a cabo esse trabalho, contamos com as seguintes fontes de investigação: a) Reportagens de jornais paulistanos e cariocas sobre os eventos de

¹ Esses jogos foram também tema de outras pesquisas, como as de Torres (2006, 2012), Melo e Peres (2016), Amaro (2018) e Moraes e Silva, Policarpe, Medeiros e Quitau (2021).

remo; b) Atas, revistas e relatórios armazenados no acervo do clube Esperia; c) Atas, revistas, livros de regras, programas de regatas e estatutos oficiais dos clubes de remo uruguaios armazenados na Sala Uruguay da Biblioteca Nacional do Uruguai; d) Reportagens do jornal “El Siglo” da cidade de Montevideo. Essas fontes foram selecionadas por conterem narrativas sobre o desenvolvimento do remo nas cidades citadas, bem como por divulgarem informações sobre campeonatos, competições e as respectivas e progressivas mudanças em relação a essa temática.

Em suma, esse trabalho pretende tensionar, por meio das referidas fontes de investigação e de uma metodologia de investigação comparativa, as relações estabelecidas entre essas duas cidades sul-americanas e as possíveis circulações de normas e ideias a respeito do remo, entre o fim do século XIX e princípios do século XX.

O desenvolvimento do remo no contexto paulistano: dos primeiros clubes à criação de federações

A narrativa sobre o desenvolvimento do remo na cidade de São Paulo se inicia no ano de 1899, com a instalação do Clube Esperia. Interessa ressaltar que, antes mesmo da instalação dos clubes de remo em São Paulo, tais práticas já ocorriam na cidade do Rio de Janeiro (MELO, 1999, 2001, 2010b, 2015) e em Porto Alegre (SILVA, 2011, 2015). O remo chegava ao Brasil com novas características, muito mais atreladas às novas relações com o corpo, com a saúde e com outras formas de sociabilidade (MELO, 2009, 2010b). Em São Paulo não foi diferente, e logo nas duas primeiras décadas do século XX mais de vinte clubes ligados às regatas se instalaram na cidade (NICOLINI, 2001; MEDEIROS, 2021; 2022).

O processo de instalação dos clubes foi acompanhado de um crescente aumento na realização de torneios entre tais associações. Antes da fundação de outros clubes de regatas, os atletas do Esperia participaram de torneios internos, ou realizaram disputas com as agremiações de Santos, no litoral paulista (NICOLINI, 2001). Em 1903, Gallotta e Porta (2004) relatam a realização da primeira disputa entre clubes no rio Tietê, e em 1904 houve a primeira disputa entre os clubes da própria cidade:

Club de Regatas S. Paulo

Esta *sympathica* sociedade pretende realizar, brevemente, segundo a que ouvimos dizer, uma esplendida regata, na qual disputar-se-ão diversos pareos, entre os quaes um dedicado ao Club Internacional de Regatas, de Santos, entre *rowers* do Club de Regatas S. Paulo e daquele club e um outro dedicado ao Club Esperia em idênticas condições. (CLUB..., 1904, p. 4)

Esses primeiros eventos realizados pelos clubes eram caracterizados muito mais como festas sociais do que como disputas esportivas, dadas as características mais difusas das práticas e a pouca competitividade observada. Nessas festas, os programas de regatas, além de conter uma breve descrição de como seriam realizados, contavam também com outras competições como “corridas: a pé, com obstáculos, uma interessante corrida com ovo na colher entre senhoritas, esgrima, gymnastica, e outros interessantes sports” (ROWING, 1904a, p. 3). Esses primeiros torneios divulgados nos jornais da cidade não contavam com alguns elementos considerados fundamentais nas práticas esportivas, como por exemplo um consenso em relação à distância que seria percorrida pelas embarcações (ROWING, 1907a). Além disso, os primeiros regulamentos divulgados previam que os clubes poderiam alterar as regras de disputa das regatas se assim fosse necessário, sem aviso prévio aos demais clubes participantes (ROWING, 1907a).

Entretanto, um processo de esportivização dessa prática era engendrado na cidade, rumo a uma crescente especialização da prática, tornando-a mais semelhante às características observadas em nível internacional (GUTTMANN, 2004). Esse processo não se deu de forma linear, mas, pelo contrário, a partir de adaptações, interpretações e recriações das regras, de acordo as possibilidades locais demarcadas no período.

Uma das primeiras marcas desse processo foi a mudança na própria vestimenta da prática: já na segunda regata realizada na cidade, os *rowers* do Club de Regatas S. Paulo passaram a trajar um uniforme, marcado por uma camisa de malha branca, um cinto vermelho e um chapéu branco com fita vermelha (CLUB...; 1904, p.2). Outra questão importante que passa a marcar o remo paulistano é o início da descrição desses eventos nos periódicos, nos quais uma definição mais

detalhada dos elementos da competição, como por exemplo o barco a ser utilizado, a distância a ser percorrida, o horário de realização da prova e a premiação dada aos vencedores começa a ser realizada:

As 2 horas e meia da tarde – *Match em yoles gigs* a 4 remos – 2.000 metros, contra a correnteza – Premio: medalha de prata aos vencedores [...]

As 3 e meia horas da tarde – *Match em yoles gigs* e dois remos – 1.000 metros – medalha de bronze aos vencedores. (ROWING, 1905, p. 5)

Nos anos seguintes, essa tendência se seguiu nas narrativas elaboradas nos jornais. Ao mesmo tempo em que havia um caráter festivo na maioria dos eventos, elementos como a relação de árbitros, a menção dos vencedores e os tempos obtidos pelas embarcações começaram a figurar nas notas divulgadas nos jornais. (ÁS 4..., 1907; O RESULTADO..., 1907). Além disso, no ano de 1910, a prática começou a ser dividida em categorias de acordo com a experiência dos participantes, por meio das nomenclaturas “juniores” e “sênior”, com a finalidade de tornar mais justas as disputas realizadas (A REGATA..., 1910). É possível notar, nesse âmbito, a sofisticação dos detalhamentos elaborados em relação às práticas esportivas, que ganham características que permitiam sua contabilização e a marcação de suas eficácias e medidas, elementos fundamentais no esporte moderno (VIGARELLO, 2002; 2008).

Dentro das categorias mais importantes nesse processo de especialização das práticas esportivas estava a criação de um corpo burocrático, formado especialmente pelos entes federativos. A nível estrutural, Guttmann (2004) considera que a burocratização foi uma das principais características do esporte moderno, fator que possibilitou a especialização das práticas e sua difusão para além de limites territoriais específicos.

No âmbito do remo competitivo brasileiro, a primeira federação voltada à regulamentação do esporte foi a União de Regatas Fluminense, criada em 1895 no Rio de Janeiro e responsável por organizar as regatas dessa localidade. Em 1902, a mesma mudou seu nome para Federação Brasileira das Sociedades de Remo, passando a definir-se como a entidade responsável por controlar as entidades

náuticas do país em relação ao regimento interno, sistemas de disputa e a utilização de embarcações. Além de legislar sobre o remo, essa federação acolhia ainda as práticas de natação e do incipiente polo aquático (MELO, 1999).

Entretanto, São Paulo foi um dos estados que não acatou a jurisdição dessa federação, e resolveu estabelecer suas próprias normativas. Em 1904, os clubes de remo paulistanos e santistas se reuniram para criar a primeira sociedade do estado disposta a regulamentar as competições aquáticas. Estava formada a União Paulista das Sociedades do Remo, que tinha como filiados os clubes paulistanos Esperia e Atlética, e os santistas Internacional, Santista e Saldanha da Gama (ROWING, 1904b). A União foi criada, de acordo com relatório produzido pelo Esperia, pois “corresponde a uma necessidade inadiável, quer para o bom andamento das regatas intersociaes, quer para a escolha uniforme dos typos de embarcações chamadas a concorrer” (CLUB..., 1906, p. 5).

No mesmo ano, o Esperia desligou-se da União, com a justificativa de que não concordava com o fato de que competições previamente marcadas tivessem sido adiadas sem maiores explicações (ROWING, 1904). Dessa forma, o clube paulista voltara a afiliar-se à Federação Brasileira das Sociedades de Remo, definida posteriormente como a instituição que o transformou “de simples club recreativo num util centro verdadeiramente sportivo” (CLUB..., 1906, p. 7).

Em 05 de agosto de 1907, após a solução dos problemas entre os clubes do estado, foi fundada aquela considerada a primeira federação de esportes aquáticos em São Paulo, a Federação Paulista das Sociedades do Remo (FPSR) (FEDERAÇÃO, 1907). Em sua primeira reunião, todos os clubes náuticos do estado estiveram presentes, e ficou resolvido que o regulamento da extinta União Paulista seria utilizado como base para as novas diretrizes adotadas. Também se criou um calendário de competições, com locais, categorias e tipos de embarcação para cada prova (FEDERAÇÃO, 1907). Entre as décadas de 1900 e 1920, a FPSR foi a entidade responsável por organizar todas as competições aquáticas oficiais de São Paulo, incluindo a natação, o polo aquático e os saltos (ornamentais). Isso alterou-se apenas quando a entidade passou por embates a nível nacional, o que ocasionou sua divisão em uma Federação Paulista de Natação, no ano de 1932, e posteriormente a Federação Paulista do Remo, no ano de 1936 (O TIETÊ-S. PAULO,

1936).

Em âmbito nacional, o remo e as atividades náuticas também se organizavam em ligas e federações. Em 1910, a Federação Brasileira das Sociedades do Remo, no Rio de Janeiro, instituiu o Campeonato de Remadores do Brasil, torneio a ser disputado entre as federações estaduais conveniadas (DACOSTA, 2005). Em cidades como Florianópolis (SARTORI, 2013), Belém (DIAS, SOARES, 2014) e Porto Alegre (SILVA, 2011) o remo também ganhava contornos mais esportivos.

A criação das federações e sua crescente especialização significava uma jurisdição mais ampla sobre diversos elementos relacionados à prática, como o uso de uniformes, a eleição de juízes, os materiais utilizados; em suma, do cumprimento do conjunto de regras previamente estabelecido. Um dos elementos que se somavam a essas necessidades era a escolha dos espaços para a realização das provas.

De acordo com Bale (2003), as tendências racionalizadoras marcam a trajetória de homogeneização dos espaços esportivos, qualidade fomentada pelas legislações e regulamentos. Dessa forma, cada vez mais esses espaços começaram a ser pensados de maneira separada, marginais às ações banais da vida cotidiana, para proporcionar igualdade do desempenho e possibilidade de comparação das marcas. Além disso, Vigarello (1988) aponta que esses espaços cada vez mais artificiais foram desenhados para promover vantagens técnicas à prática, gerando uma transformação significativa nas técnicas esportivas.

Ao considerar o processo de esportivização do remo, era de se esperar que esses entes federativos legislassem sobre o espaço da prática, pensado para ser cada vez mais racional e gerar benefícios técnicos. Desde o estabelecimento da União Paulista das Sociedades do Remo, em 1904, houve uma discussão sobre qual seria o melhor lugar para a realização das provas atléticas. De um lado, os clubes paulistanos apontavam o rio Tietê como o espaço mais adequado para a prática, dado que era naquele local que seus remadores praticavam e, portanto, já portavam conhecimentos sobre a velocidade da água e os detalhes do percurso. De outro lado, os clubes de Santos apontavam os benefícios do mar, utilizado também por outros clubes ao redor do país. Além desses dois espaços, a represa de Santo

Amaro, localizada no caminho entre Santos e São Paulo, também figurou como importante lugar de desenvolvimento de provas esportivas nas primeiras décadas do século XX. Essa represa, criada em 1908 como um reservatório de águas da empresa paulistana de energia elétrica *Light*, foi considerada um possível local para a prática, dada sua semelhança com os espaços utilizados ao redor do mundo para provas oficiais (JORGE, 2016).

De certa maneira, nenhum desses lugares foi considerado adequado pelas federações ao longo do período analisado. Segundo aponta Medeiros (2022), todos eles padeciam de um “excesso de natureza”, ou seja, de características que não aproximavam as disputas de uma prática racionalizada e esportivizada, pelo menos não da maneira como os clubes esperavam. Até mesmo com relação ao treinamento as águas do Tietê foram consideradas impróprias, dadas as mudanças nos níveis de águas e suas excessivas curvas.

As análises aqui realizadas apontam para um processo de esportivização bastante particular e incipiente das práticas de remo na primeira década do século XX em São Paulo. Havia uma tendência à esportivização, garantida principalmente pela criação de federações locais em diálogo com as de cunho nacional; ao mesmo tempo, houve a manutenção de práticas e competições de caráter muito mais festivo, especialmente aquelas realizadas no interior dos clubes. Nota-se a ausência, até este momento, de competições que explorassem outras relações, mais amplas, com clubes esportivos de outras localidades. Essa relação se estabeleceu apenas em 1907, com a participação do Clube Esperia nos Jogos Olímpicos Sul-americanos realizados em Montevideú.

Os clubes esportivos de *rowing* de Montevideú: primeiras experiências esportivas

Em 1874 seria inaugurado um dos primeiros clubes esportivos do Uruguai: o Montevideo Rowing Club (MRC) (ARIAS, REISCH, 2004). De acordo com as revistas publicadas pelo clube, sua fundação se deve à chegada na cidade do inglês Frank Chevallier Boutell, remador londrino que, junto ao irmão e outro conterrâneo, sr. Quevedo, firmou as bases e estabeleceu as normas do clube

(FUNDACIÓN..., 1929). É importante considerar que, de forma paulatina e desde a primeira metade do século XIX, houve uma massiva chegada de imigrantes ao Uruguai, especialmente em sua capital, Montevideu, aportando um sem fim de novas experiências, costumes e tradições (CAETANO, 2016). A presença dos estrangeiros também impactou em outros aspectos da vida local, incluindo a adoção de novas práticas e a introdução de novos divertimentos (DUFFAU, PELLEGRINO, 2016). Nesse ínterim, sua influência na constituição e instalação de clubes esportivos foi significativa, desde práticas como o remo e o *cricket* até a instalação dos primeiros clubes de futebol (RODRIGUEZ GIMÉNEZ, SCARLATO, 2015; PRATS, 2018).

Como marco da instalação do clube, um conjunto de leis foi desenvolvido pelos seus fundadores, por meio de um estatuto. A primeira publicação foi feita em inglês, língua materna de seus fundadores. Uma análise desses documentos permite atrelá-lo aos regulamentos de remo produzidos na segunda década do século XIX na Inglaterra, que procuravam estabelecer parâmetros para esta prática, especialmente no que dizia respeito a seu status amador (HALLADAY, 1990; HOLT, 1989). Além da semelhança linguística, o próprio objetivo desse estatuto nos leva a identificar essas relações: as ideias ali contidas procuravam indicar quais pessoas poderiam ser associadas, os materiais que poderiam ser utilizados, além de mencionar as regras sociais que deveriam ser seguidas (RULES..., 1887). Nesse momento inicial, o comitê diretor deveria ser composto por membros anglo-falantes, ainda que não fosse proibida a presença de uruguaios nos quadros competitivos. (RULES...; 1887).

Além dessas diretrizes, esse estatuto procurou, de alguma forma, estabelecer as primeiras regras competitivas em torno do remo no Uruguai, dado que foi esse o primeiro clube a se organizar no país. Tais ordenamentos eram bastante incipientes, mas legislavam sobre o espaço, os dias de prática, os uniformes, as proibições em relação à utilização dos barcos. A realização de provas de regatas deveria ser feita apenas sob a vigilância da comissão do clube, que se via também no direito de estabelecer os regulamentos de cada prova (RULES...; 1887).

Em 1903 outro estatuto foi publicado, com base no anteriormente existente (ESTATUTOS..., 1903). Dessa vez, a publicação foi feita em espanhol, e no primeiro

artigo foi deliberado que este idioma poderia ser utilizado para as reuniões, ainda que a nacionalidade oficial do clube ainda fosse inglesa (ESTATUTOS..., 1903). O novo estatuto, de igualmente ao anterior, legislava sobre as regras internas e sobre as competições, sem muitas diferenças encontradas entre eles no que diz respeito a essas questões (ESTATUTOS...; 1903).

Outro clube de remo se instalou na capital uruguaia, no ano de 1888: o Clube Nacional de Regatas, a partir de dissidentes do próprio MRC (CLUBS..., 1929). Em seu estatuto, republicado em 1910, ficam claras as intenções da entidade de fomentar e desenvolver o remo esportivo entre a população montevideana. Assim como nos primeiros estatutos do MRC, houve a tentativa de legislar não apenas sobre os usos de botes e materiais do clube, mas também sobre as próprias competições. Todo o capítulo IV do documento foi destinado às regatas, onde foram descritas as regras gerais para a realização de provas internas, nacionais e internacionais (ESTATUTOS...; 1910). Dessa forma, pode-se afirmar que nas primeiras décadas da prática do remo em Montevideu a definição das regras competitivas se deu dentro dos estatutos particulares de cada clube. Essas informações, ainda que não fossem públicas e de acesso a todos os remadores da cidade, acabavam permeando a estruturação das competições realizadas, a partir de apropriações e adaptações do que era indicado em cada uma dessas entidades.

Outro elemento desenvolvido de maneira detalhada no estatuto foi o *status* amador dos praticantes do remo. Holt (1989) aponta que o conceito de amadorismo, cunhado na Inglaterra no momento em que as bases morais do esporte se definiam, se estabeleceu através de princípios muito claros (como a oposição aos lucros esportivos e às apostas) e envolveu uma administração distintiva das estruturas do *ethos* dos participantes. Dessa forma, com a criação de corpos associativos para a regulação da prática esportiva, houve toda uma gama de procedimentos desenvolvidos para frear aquilo que era considerado inapropriado. No cerne da formação das primeiras associações remeiras, o amadorismo esteve no centro do debate, sendo proclamado como a chave moral desta prática (HALLADAY, 1990).

As adaptações, recriações e recepções que envolveram a chegada e o estabelecimento das práticas esportivas na América Latina envolvem também a

recepção de ideias morais e estruturais do esporte, como é o caso do amadorismo. No estatuto do Clube Nacional de Regatas, essa estrutura se objetiva no capítulo VII:

De los remeros

Art 62. No será considerado remero o timonel aficionado:

A. El marinero, profesor de remo o constructor de botes.

B. El que alguna vez haya corrido en una competencia abierta por dinero.

C. El que á sabiendas haya competido con o contra un profesional, por algún premio (ESTATUTOS...; 1910, p.15)

Com base nesses estatutos internos, o primeiro torneio de remo esportivo disputado no Uruguai foi realizado pelo MRC, no ano de 1874, para celebração da inauguração de seu primeiro prédio social para associados (HISTORIAL...; 1974). Nos anos que se seguiram, foram disputados outros torneios internos no clube, até que, em 1880 se realizaram as primeiras regatas internacionais (FUNDACIÓN..., 1929), contra equipes argentinas.

A própria história de fundação do MRC está atrelada ao Buenos Aires Rowing Club. Desde a publicação do primeiro estatuto (RULES...; 1887) já se apontava a fraternidade entre os dois clubes, como se o MRC fosse uma sede do clube argentino em terras uruguaias. É assim que as primeiras competições interclubes, realizadas no Uruguai, ocorreram contra remadores argentinos.

Além disso, é necessário considerar também que o espaço de fronteira entre Uruguai e Argentina é determinante na elaboração da própria construção nacional de cada um desses países (BENEDETTI, 2015). Ao longo do tempo, ele foi importante na construção de territórios nacionais e, ao mesmo tempo, estabeleceu as próprias definições de país, especialmente no caso uruguaio (CAETANO, 2016). A proximidade e a importância das relações uruguaio-argentinas também se davam a nível de trocas culturais, e a prática do remo demonstra essa aproximação, especialmente por se tratar de um esporte que depende da água – via mais fácil de acesso entre Buenos Aires e Montevideo.

Nas décadas que se seguiram, inúmeras disputas se deram contra os argentinos, não apenas do Buenos Aires Rowing Club, mas também contra outras

equipes que surgiam no país vizinho, como o Club Regatas la Marina e Tigre Boat Club (HISTORIAL..., 1974). É possível considerar, portanto, que o estabelecimento do remo no país, com suas regras e regulamentos, além de considerar as indicações provenientes dos estatutos ingleses, estabelecia uma circulação de sentidos com os clubes argentinos, que se tornavam, nesse momento, os principais adversários das associações de Montevideú.

Alguns anos depois do estabelecimento dos dois principais clubes da capital, seus diretores se reuniram para criar a primeira Unión de Remeros do País (UNIÓN...; 1907). No documento de criação da entidade é possível perceber claramente a tentativa de entrecruzar elementos presentes nos estatutos de cada um dos clubes com o objetivo de elaborar um ente regulador para a prática em todo o Uruguai. No documento da federação há determinações com relação à proibição das apostas, delimitação do caráter estritamente amador e estabelecimento de quais remadores poderiam participar dos certames. Além disso, legislavam também sobre os barcos, provas, uniformes e categorias de competição (UNIÓN...; 1907).

As novidades trazidas por essa entidade se centraram em elementos mais descritivos sobre a organização dos certames. Em relação às competições, foram definidas as provas a serem disputadas – de acordo com as provas internacionais do momento – além da relação entre o peso do bote e da tripulação. Foi estabelecida também a quantidade de juízes presentes em cada prova, bem como a delimitação das raias a serem utilizadas (UNIÓN...; 1907). Um artigo em particular descrevia especificamente as regatas internacionais: “cuando en las regatas Internacionales tomen parte Clubs no afiliados á la Unión de Remeros del Uruguay, estos tendrán derecho a designar dos delegados oficiales que acompañaran á los Jueces de Cancha y de llegada” (UNIÓN, 1907, p. 7). Até este momento, as competições internacionais realizadas contra os clubes argentinos eram regidas pelos entes federativos desse país, que já tinham estatutos próprios organizados desde 1893 (FUNDACIÓN...; 1929). Com essa regulamentação, os clubes uruguaios previam a presença de seus próprios delegados nas competições, fortalecendo sua organização institucional e colocando em igualdade as perspectivas regulamentárias. Bale (2003) afirma que, de um ponto de vista geográfico, foi a

normatização das regras que permitiu o estabelecimento de competições significativas; aqui se vê que foi essa ampliação das normas que permitiu um ponto de contato entre os remadores da Argentina e do Uruguai.

Essa não foi a única organização de fiscalização e organização das regras do remo no Uruguai. A Unión de Remeros perdurou entre 1907 e 1909 e depois voltou a organizar as práticas entre os clubes entre 1912 e 1918 (RESEÑA...; 1929). No ano de 1922 foi criada a Federação Uruguaia de Remo que, desde então, organiza a níveis institucionais a prática do remo no país (FUNDACIÓN...; 1929).

É possível perceber, portanto, uma organização institucional desenvolvida com base em dois parâmetros: primeiro, em relação aos estatutos dos clubes de remo ingleses, que apregoavam a necessidade do amadorismo como elemento central da constituição das agremiações. Na sequência, as experiências internacionais fizeram com que esse momento inicial de organização dos clubes, que previam as regras de competição de maneira interna, fossem refletidos na criação de uma União, que, ao mesmo tempo em que tomava as legislações anteriores para criar suas normas, elaborava um corpo burocrático local para a fiscalização dos eventos internacionais.

Todas essas temáticas foram colocadas à prova na elaboração dos Jogos Olímpicos Sul-Americanos de 1907, que contaram com um fator diferenciado: a presença de um clube brasileiro em raias uruguaias.

Os Jogos Olímpicos Sul-Americanos de 1907: primeiros indícios de uma esportivização transnacional do remo

Torres e Sotomayor (2020) corroboram a existência de uma esfera esportiva consolidada na América Latina desde fins do século XIX, o que auxiliou em uma aproximação com o movimento olímpico que se desenvolvia em esfera internacional. Os autores afirmam que esse processo pode ser pensado tanto a nível de participação nos jogos mundiais quanto no desenvolvimento de jogos de caráter regional. De acordo com Amaro (2018) e Moraes e Silva, Policarpe, Medeiros, Quitau (2021), tais eventos esportivos começaram a ser desenvolvidos já nos princípios do século XX na Argentina (1909, 1910, 1912 y 1918); Paraguai

(1909 y 1911); Peru (1918) e Chile (1906, 1907, 1908, 1909 y 1919). Esses eventos culminaram na organização de competições em 1922, realizadas no Brasil, que tiveram o aval do Comitê Olímpico Internacional pela primeira vez.

Os jogos uruguaiois de 1907 estão marcados dentro dessa perspectiva mais ampla. Eles foram programados para celebrar festividades do governo uruguaio, e contavam, portanto, com apoio irrestrito do poder executivo. A ideia era elaborar jogos inspirados nas festividades olímpicas de Pierre de Coubertin para celebrar a prática esportiva no país (SPORTS..., 1907). Mais do que isso, é possível notar que havia o intuito de aumentar os níveis competitivos, e, ao mesmo tempo, mostrar as bases da celebrada organização esportiva uruguaia para outros países².

Moraes e Silva, Policarpe, Medeiros, Quitzeu (2021) afirmam que o evento contou com provas de atletismo, boxe, concursos hípicas, corridas de bicicleta, esgrima, futebol, ginástica, natação, futebol, remo, saltos ornamentais e tênis. Clubes remeiros cariocas e paulistanos foram convidados para a participação no evento através da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, de acordo com fontes dos jornais brasileiros (CLUB..., 1907; ROWING..., 1907c). Em modalidades como o futebol, houve a tentativa de organização de quadros que envolvessem atletas cariocas e paulistas, o que acabou não se concretizando (DISPOSIÇÕES..., 1907). No remo, a situação foi muito mais de rivalidade do que de cooperação.

De maneira geral, enquanto os clubes paulistanos se organizavam para a participação no evento, os cariocas encontravam mais resistência e dificuldade, a ponto de serem criticados pelos periódicos locais:

Nos gerou grande admiração que em São Paulo o desporto seja tratado com mais interesse do que na capital do país, pois pensávamos que o maior participante deveria ser o Rio de Janeiro, mas ainda não tínhamos conhecimento desta competição, que recebe inscrições de todos os países da América do Sul. Das duas uma: ou essa Liga dos Jogos Olímpicos não conhece a capital do Brasil, ou os nossos centros desportivos não cuidam do interesse real que têm (JOGOS..., 1907, p.3).

Moraes e Silva, Policarpe, Medeiros, Quitzeu (2021) sinalizam que esse

² Essa organização se consolidaria, alguns anos mais tarde, com a criação da Comissão Nacional de Educação Física (CNEF) e seu subsídio estatal – tanto a nível financeiro quanto burocrático – que era ofertado aos clubes esportivos no país (MATSUO, 2020).

debate localizado nos jornais brasileiros apontava para uma disputa entre os clubes paulistas e cariocas, mostrando que, em certa medida, ambos tinham interesse de participar do evento internacional e, desta forma, ampliar sua margem de ação em relação à esta prática. Entretanto, apesar das disputas engendradas dentro do esporte a nível nacional, apenas os representantes paulistas participaram das provas de remo, tendo os cariocas participado apenas de eventos de natação e atletismo:

Com o propósito de participar dos Jogos Olímpicos a serem realizados no dia 10 do corrente mês em Montevideú, se embarcou [...] uma tripulação do Club Speria [...]. Foram á estação da Luz a despedir os valentes jovens o presidente e demais membros da diretiva do próprio Club. Que o esforço dos remeiros se veja coroado por um brilhante triunfo, é o que desejamos sinceramente (ROWING, 1907b, p.3)

O evento contou com a organização da Comissão dos Jogos Olímpicos uruguaia, conformada nesse momento para a elaboração das distintas disputas. No que diz respeito ao remo, foram disputadas 12 regatas, envolvendo: Club Remeros de Paysandu³, Montevideo Rowing Club, Club Nacional de Regatas e o Clube Esperia. Essas provas foram disputadas em categorias convencionais, para júnior e sênior, além de duas especiais: *Half outrigger* com dois remos largos e uma com doze remos (REGATAS..., 1907).

A participação do Esperia se deu apenas na categoria especial (*Half outrigger*) e em uma extra, realizada em botes de passeio, para remeiros que não houvessem ganho regatas internacionais ou nacionais até aquele momento (REGATAS, 1907). Torna-se importante salientar as particularidades da participação da equipe paulistana no evento. Além do fato dos atletas terem participado apenas de duas categorias, nenhuma delas era oficial dentro da programação proposta. Ademais, a disputa nessa prova especial se deu contra o Club de Remeros Paysandú, e nenhuma das duas agremiações de Montevideú participou da prova.

No jornal Correio Paulistano, no dia seguinte à disputa, foi anunciada a

³ Clube do interior do país, da região litoral norte, fundado em 1901 e que, até esse momento, não havia participado de regatas oficiais disputadas em Montevideú.

vitória do Esperia na disputa de uma das categorias: “Se realizou ontem em Montevideo, nos torneios dos Jogos Olímpicos, a competição de regatas yole-gigs, na qual participou o barco paulista do Club Esperia dessa capital [...]. Ontem pela tarde a direção do clubes recebeu o seguinte telegrama: mar bravíssimo. Vencemos a disputa do yoge-gigs” (CLUB..., 1907, p.4).

A partir da análise dessa notícia, podemos analisar alguns pontos em relação à regulamentação e esportivização da prática do remo. Em primeiro lugar, nota-se que o Esperia, apesar da longa viagem realizada para participar do evento internacional, não esteve presente nas principais categorias de competição, apenas marcando presença nas especiais. A descrição no jornal Correio Paulistano também reflete esse detalhe: foi anunciada a vitória em uma categoria não existente no certame internacional, nos levando a identificar a adaptação que foi feita na narração, trazendo a vitória para uma categoria já conhecida pelas equipes locais. Em suma, é possível perceber que a nomenclatura das provas disputadas e os tipos de barco não eram semelhantes nos dois países, o que exigiu algumas adaptações das regras no momento da competição.

Apesar dessas questões, a participação do Esperia no evento internacional gerou um fato novo no clube. De acordo com memórias da agremiação, publicadas algum tempo depois, foi a partir dessa primeira participação internacional que os dirigentes desse esporte se voltaram a pensar na necessidade de novas categorias e embarcações, mais relacionadas às normativas internacionais (AS NOSSAS..., 1934). De igual maneira, para os clubes montevidianos, a presença do clube brasileiro operou a necessidade de criação de uma nova categoria, diferente daquelas que os clubes da capital uruguaia disputavam.

Em síntese, a participação brasileira no evento internacional gerou algumas tensões, tanto para as equipes montevidianas quanto para as brasileiras. De acordo com Autor (2021), essas foram as primeiras aventuras esportivas internacionais dos clubes brasileiros, que passaram por uma revisão de suas práticas e leis para enquadrarem-se nas normas ali aplicadas. Nota-se que havia pontos de desencontro nos entes normativos, o que aponta para as adaptações locais na regulamentação, como aquelas apresentadas por Krüger (2015). Entretanto, o contato internacional permitiu a circulação de algumas lógicas entre

os participantes e, especialmente no caso brasileiro, serviu para a alteração de algumas regras. Há, de maneira inequívoca, uma rede compartilhada em relação aos sentidos da esportivização da prática do remo entre os dois países sul-americanos, e que merecem ser aprofundadas futuramente.

Conclusões

Nesse artigo, evidenciamos o processo de construção de normas e regulamentos por parte dos clubes de remo paulistanos e montevideanos. A utilização da história comparada operacionalizou uma metodologia que tornou possível analisar a natureza da formação do esporte, evidenciando os pontos de contato e de distanciamento entre as questões analisadas. (BOOTH, 2005; MELO 2007).

Em cada uma das cidades houve o desenvolvimento da prática do remo competitivo de acordo com suas características locais. Em São Paulo, além das questões geográficas definidas pelo espaço destinado à prática, houve um intenso debate entre as federações locais e nacionais no que tange à definição das práticas e suas regras. Em Montevideu, a construção das lógicas normativas se deu, à priori, com apoio nos estatutos de cada uma das agremiações; entretanto, ao verem-se em disputas com clubes argentinos, logo se fez necessária a criação de uma federação para regular a prática no país. Essas análises detalhadas nos levam a corroborar os escritos de Maguire (2015) sobre os processos de esportivização, que, ao mesmo tempo em que convergem para a criação de lógicas comuns entre as práticas, dentro do amplo espectro do que significa esporte, também se valem de adaptações locais para seu estabelecimento.

De maneira similar, as definições regulatórias do remo passaram por um ponto de contato entre os clubes uruguaios e brasileiros, durante os Jogos Olímpicos Sul-americanos realizados em Montevideu, em 1907. Essa foi a primeira experiência internacional do remo paulistano que, por não possuir barcos e remadores adequados, acabou não participando das principais regatas do certame. Igualmente, se os clubes uruguaios já possuíam experiências internacionais pelas disputas realizadas contra os argentinos, as nomenclaturas também foram

adaptadas no evento, além do fato de que nenhum dos dois clubes da capital participou da regata especial criada para os paulistas. Em síntese, foi possível perceber nesse evento uma nova relação que surgia na prática do remo, que revisitava as normas, categorias e nomenclaturas das práticas nos dois países. Pode-se afirmar que esse contato transnacional do remo gerou novas possibilidades de realização dessa prática em níveis locais.

Dessa forma, essa pesquisa comparada explora novas relações nas práticas esportivas sul-americanas e, em certa medida, corrobora os esforços iniciais de Melo (2017) ao reafirmar que há pontos de contato nas lógicas da construção das práticas esportivas locais na América Latina, que não necessariamente advém das relações centro-periferia, mas que são construídas e constituídas em níveis transnacionais mais amplos.

Referências bibliográficas

AMARO, Fausto. Os diversos usos de jogos olímpicos na imprensa carioca nas décadas de 1890 a 1910. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.7, n.1, 195-212, 2018.

A REGATA de ontem. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 16768, p. 4, 11 abr. 1910.

ARIAS, Carlos; REISCH, Matilde. Movimiento clubista y desarrollo deportivo en el Uruguay. **Revista NEXO Sport**, Montevideo, p. 5-13, mar. 2004.

ÁS 4 e meia horas da tarde. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15758, p. 5, 29 jun. 1907.

AS NOSSAS realizações. **Esperia - Revista Mensal do Club Esperia**, São Paulo, ano 6, n. 7 e 8, p. 16, set./out. 1934

BALE, John. **Sports Geography**. Londres: Taylor & Francis e-Library, 2003.

BARROS, José. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**, v.1, n.1, p. 1-30, jun./2007.

BENEDETTI, Alejandro. The Argentina-Uruguay border space: a geographical description. **Frontera Norte**, v. 27, n. 53, p. 35-61, jan/jul 2015.

BOOTH, Douglas. **The field: truth and fiction in sport history**. New York: Routledge, 2005.

BOOTH, Douglas.; ADAMS, Carly.; PHILLIPS, Murray. New perspectives on old themes. In: PHILLIPS, Murray, et al. **The Routledge handbook of sport history**, p.93-99, 2022.

BROWN, Matthew. Cycling in South America, 1880-1920. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, v. 48, n. 1, p. 287-325, 2021.

CAETANO, Geraldo. Las claves del período. In: CAETANO, Geraldo. **Uruguay: reforma social y democracia de partidos**. Montevideo: Editorial Planeta S.A., 2016, p.15-33.

CLUB de natação e regatas. **Jornal do Brazil**, Rio de Janeiro, p. 5, 21 mar. 1907.

CLUB de Regatas de S. Paulo. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 14724, p. 4, 9 ago. 1904.

CLUB ESPERIA S. PAULO. **Relatório da directoria**. São Paulo: Tipografia Brazil de Carlos Gerke, p. 7, 1906.

CLUB ESPERIA. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15648, p. 4, 11 mar. 1907.

CLUBS surgidos de nuestras filas. **Revista Mensual del “Montevideo Rowing Club”**, ano 1, n. 4, abr. 1929, p.13.

DISPOSIÇÕES gerais. **Jornal do Brazil**, Rio de Janeiro, p.4, 25 fev. 1907.

DUFFAU, Nicolás; PELLEGRINO, Adela. Población y sociedad. In: CAETANO, Geraldo. **Uruguay: reforma social y democracia de partidos**. Montevideo: Editorial Planeta S.A., 2016, p.187-236.

FEDERAÇÃO paulista do remo. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15796, p. 4, 6 ago. 1907.

DACOSTA, Lamartine. (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005.

DIAS, Douglas C.; SOARES, Carmen L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, v. 49, p. 19-49, 2014.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert (org.). **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, p.187-222, 1985.

ESTATUTOS y reglamento interno del “Montevideo Rowing Club”. **Montevideo Rowing Club**. Montevideú: Establecimiento tip. l’Italia al Plata, 1903.

ESTATUTOS del Club Nacional de Regatas. **Club Nacional de Regatas**. Montevideú: Tipografía y litografía oriental, 1910.

FUNDACIÓN del “Montevideo Rowing Club”. **Revista Mensual del “Montevideo Rowing Club”**, ano 1, n. 4, abr. 1929, p.1

GALLOTTA, Brás C.; PORTA, Paula. Cronologia: 1890-1954. In: PORTA, P. (org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, p. 603-617, 2004

GORELIK, Adrián. El comparatismo como problema: una introducción. **Prismas**, v.8, n.8 p. 121-128, 2004.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 2004.

HALLADAY, Eric. **Rowing in England: a social history. The amateur debate**. Manchester: Manchester University Press, 1990.

HISTORIAL de Remo. **Montevideo Rowing Club**, 1974.

HOLT, Richard. **Sport and the British: a modern History**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

JOGOS olympicos em Montevideo. **O século**, Rio de Janeiro, p.3, 19 fev. 1907.

JORGE, Janes. A represa do Guarapiranga e os esportes na região de São Paulo (1905-1963). In: SOARES, Carmen L. **Uma educação pela natureza. A vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas/SP: Autores Associados, 2016, p. 181-206.

KING, C. Richard. Epilogue: colonial legacies, postcolonial predicaments. **The International Journal of the History of Sport**, v.26, n.16, p. 2447-2449, 2009.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and theory**, v.42, p. 39-44, fev. 2003

KRÜGER, Michael. Global perspectives on sport and movement cultures: from past to present – modern sports between nationalism, internationalism, and cultural imperialism. **The International Journal of the History of Sport**, v.32, n.4, p. 518-234, 2015.

LOUDCHER, Jean-François. Processo civilizador e transformações sociais: uma análise das teorias elisianas em relação às ciências sociais do esporte. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 2, p. 14-36, 2020.

MAGUIRE, Joseph. Sociology of Sport. In: MAGUIRE, Joseph (org). **Social Sciences in Sport**. Londres: Human Kinetics, 2014, p. 91-107.

MATSUO, Shunsuke. Sport policy, the YMCA, and the early history of Olympism in Uruguay. In: TORRES, Cesar; SOTOMAYOR, Antonio (org.). **Olimpismo: the Olympic movement in the making of Latin America and the Caribbean**. Fayetteville: The University of Arkansas Press, 2020, p. 3-12.

MEDEIROS, Daniele. **Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949)**. 2021. 226p. Tese (doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

MEDEIROS, Daniele. O processo de esportivização do remo na cidade de São Paulo (1899-1949). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 44, p. e009221, 2022.

MELO, Victor A. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999.

MELO, Victor A. **Cidade sportiva: o turfe e o remo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará; FAPERJ, 2001.

MELO, Victor A. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. **Movimento**, v.13, n.3, p. 11-41, set/dez. 2007.

MELO, Victor A. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, M. D.; MELO, V. A. (org.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2009.

MELO, Victor A. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.24, n.1, p. 107-120, jan/mar. 2010a.

MELO, Victor A. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: MELO, Victor A. **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro, RJ: Apicuri, 2010b, p. 19-48.

MELO, Victor A. O sport em transição: Rio de Janeiro, 1851-1868. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 363-376, 2015.

MELO, Victor A. History of sport in Brazil and South America: visibility for new looks. **The International Journal of the History of Sport**, v.34, n.5-6, p. 399-404, 2017.

MELO, Victor Andrade; PERES, Fabio de Faria. Primeiros ventos olímpicos em terras tupiniquins. **Revista USP**, n. 108, p. 39-48, 2016.

MORAES E SILVA, Marcelo; MEDEIROS, Daniele, QUITZAU, Evelise; LEVORATTI, Alejo. Similitudes y diferencias en la historiografía del deporte en Brasil y Francia: un diálogo con “Histoire du sport” de Thierry Terret. **Anuario de la Escuela de História**, v. 33, p. 1-32, 2020.

MORAES E SILVA, Marcelo; POLICARPE, Cyril; MEDEIROS, Daniele, QUITZAU, Evelise. Primeras aventuras deportivas internacionales brasileñas: una mirada de la prensa sobre los Juegos Olímpicos Sudamericanos de 1907 (Montevideo/Uruguay. **Cuadernos Del Claeh-Centro Latinoamericano De Economía Humana**, v. 40, p. 67-84, 2021.

NICOLINI, Henrique. **Tietê: o rio do esporte**. São Paulo, SP: Phorte, 2001.

O RESULTADO dos diversos páreos. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15759, p. 4, 30 jun. 1907.

O TIETÊ-S. PAULO venceu a 1.a Regata da Federação Paulista de Remo. **A Gazeta -**

Caderno esportivo, São Paulo, ano 10, p. 11, 20 jul. 1936.

ORTIZ, Renato. Estudios culturales, fronteras y traspasos: una perspectiva desde Brasil. **Renglones**, v. 53, p. 44-50, mar.abr/ 2003.

POPE, S. W. The origin and diffusion of modern sport. In: PHILLIPS, Murray, et al. **The Routledge handbook of sport history**, p.100-109, 2022.

PRATS, Luis. **Montevideo, la ciudad del fútbol. Historia de barrios, clubes, canchas y estadios**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2018.

PURDY, Sean. A história comparada e o desafio da transnacionalidade. **Revista de História Comparada**, v.6, n.1, p. 64-84, 2012.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Sport in Uruguay at the Beginning of the Twentieth Century: A Perspective from the Countryside. **The International Journal of the History of Sport**, v. 36, n. 11, p. 982-997, 2019.

REGATAS internacionales. Bajo los auspicios de la Comisión de Juegos Olímpicos, 1907.

RESEÑA de los resultados de las Regatas Internacionales celebradas en Montevideo. **Revista Mensial del "Montevideo Rowing Club"**, ano 1, n.3, mar. 1929, p. 14.

RODRIGUEZ GIMENEZ, Raumar; SCARLATO, Inés. Historia del deporte en Uruguay: consideraciones sobre un campo incipiente. In: MELO, Victor A. **O esporte no cenário Ibero-Americano**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015, p. 147-158.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 14828, p. 2, 21 nov. 1904a.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15456, p. 5, 29 ago. 1904b.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 14897, p. 2, 30 jan. 1905.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15758, p. 5, 29 jun. 1907a.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15648, p. 3, 11 mar. 1907b.

ROWING: Jogos Olympicos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 01 mar. 1907c.

RULES and Bye-Laws. **Montevideo Rowing Club**. Montevideo: La tribuna popular, 1887.

SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport**: o remo na ilha de Santa Catarina. 2013. 140p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2013.

SILVA, Carolina F. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. 151p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2011.

SILVA, Carolina F. **Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, Brasil**: a esportivização e contatos culturais nos clubes. 2015. 263p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

SPORTS – Las regatas del domingo. **El Siglo**, 12 mar. 1907, p. 5

TAYLOR, Matthew. Sport, transnationalism and global history. **Journal of Global History**, v.8, p. 199-208, 2013.

TERRET, Thierry. **Histoire du Sport**. Paris: Presses Universitaires Françaises, 2019.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina M. C. História comparada: olhares plurais. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 29, n.2, p. 7-22, dez. 2003.

TORRES, Cesar R. The Latin American 'olympic explosion' of the 1920s: causes and consequences. **The International Journal of the History of Sport**, v. 23, n. 7, p. 1088-1111, 2006.

TORRES, Cesar. **Jogos Olímpicos Latino-Americanos: Rio de Janeiro 1922**. Manaus: Confederação Brasileira de Atletismo, 2012.

TORRES, Cesar; SOTOMAYOR, Antonio. Introduction. In: TORRES, Cesar; SOTOMAYOR, Antonio (org.). **Olimpismo: the olympic movement in the making of Latin America and the Caribbean**. Fayetteville: The University of Arkansas Press, 2020, p. 3-12.

UNIÓN de remeros del Uruguay. **Estatutos, reglamentos y ley de carreras de botes**. Montevideo: imprenta de Dornaleche y Reyes, 1907.

VIGARELLO, George. **Une histoire culturelle du sport** : Techniques d'hier... Et d'aujourd'hui. Paris : Éditions Robert Laffont S.A., 1988.

VIGARELLO, George. **Du jeu ancien au show sportif** : la naissance d'un mythe. Paris: Éditions Seuil, 2002.

VIGARELLO, George. Treinar. In: CORBIN, Alain et. al. (org.). **História do corpo 3: as mutações do olhar: o século XX**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 197-254

Recebido: 27/11/2022
Aprovado: 13/12/2023